

## Capítulo I

### PRECEDENTES DO MASSACRE

#### 1.º Ataque no Distrito de Homóine

Em Março de 1982, a força da Resistência Nacional Moçambicana – Renamo, entrou, pela primeira vez, na sede do Posto Administrativo de Pembe, o segundo e último do distrito após o de Homóine-sede, localizado a 30 km da vila em direcção a noroeste<sup>1</sup>. Dirigiu-se à zona comercial da região em plena manhã, em que a população se encontrava na maior agitação na venda ou troca de coco para a aquisição do pão.

Estes homens, guerrilheiros da Renamo, vulgos *matsangas* em homenagem a um dos fundadores e primeiro comandante do movimento, André Matsangaísse, quando chegaram, provocaram medo ao povo

---

<sup>1</sup> O Posto Administrativo de Pembe congrega localidades e povoados da parte oeste do distrito de Homóine. Foi nessa região que se estabeleceu, no início da década de 1980, uma das duas bases provinciais da Renamo na província de Inhambane (a outra foi instalada no distrito de Funhaloro, que faz fronteira com o distrito de Homóine a noroeste deste). Logo após a independência, a Frelimo encontrou resistências entre a população daquela zona e, nas primeiras eleições presidenciais após a guerra, em 1994, a zona eleitoral de Pembe foi uma das duas únicas da região Sul de Moçambique em que a Renamo saiu vitoriosa. Para mais dados, ver Luiz Henrique Passador, *op. cit.*; Anders Nilsson, *Paz na nossa época: para uma compreensão holística de conflitos na sociedade*, Maputo: CEEI-ISRI, 2001; Luís de Brito, *Cartografia eleitoral de Moçambique – 1994*, Maputo: Livraria Universitária, 2000; Ana Maria Caetano, *Morrumbene: economia colonial, guerra e reconstrução*, Dissertação de Licenciatura em História, Departamento de História, Faculdade de Letras, Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 1996; Jonas Mahumane, *Crenças e Tradições Religiosas na Guerra entre a Frelimo e a Renamo: O Caso das Igrejas Zione em Homóine (1980-1994)*, Dissertação de Licenciatura em História, Departamento de História da Faculdade de Letras da Universidade Eduardo Mondlane, Maputo, 2003. (N.E.).

vendedor, aos visitantes, passageiros, residente etc., pois, quando os viu na sua proximidade, inesperada e repentinamente. Estes indivíduos (*matsangas*), para aquele povo, eram indivíduos estranhos. Falavam línguas totalmente diferentes, numa zona dos vatswas<sup>2</sup>. Tinham ma-deixas, cabelos entrelaçados ou com cabeças cabeludas. O povo surpreendido, esperava destes homens tantos actos maldosos, inclusive agressões mortais pelas armas brancas e de fogo com que se tinham munido. Mas, o único ofendido, e quem saiu a perder, foi o proprietário da padaria (o dono do pão). Pois, estes, imediatamente paralisaram o processo de aquisição do pão em troca do coco e distribuíram-no a toda a população quer estivesse ou não interessada pelo pão. Destruíram uma parte da padaria e foram-se embora<sup>3</sup>.

### 1.º Ataque na Vila-Sede

Logo após a proclamação da independência, a vila não tinha uma grande protecção militar, compreendendo simplesmente uma secção de milicianos, afectos na Manhica (vila de Homoíne), e antigos combatentes em Chinjinguire, a uma distância de 7 km para o sudoeste da vila. Os milicianos locais, para além de serem poucos, não tinham armamento suficiente para fazerem face aos renamistas.

Em Maio de 1982, escalaram Manhica pela primeira vez. Chegaram no dia 6 do mesmo mês, dormiram numa grande cova, na célula Manhica “A”, actual bairro 3 de Fevereiro, ao pé da paragem vulgarmente conhecida por “Luís” do lado direito da estrada que sai a 3 km

---

<sup>2</sup> Os Vatswa formam o grupo etnolinguístico predominante no distrito de Homoíne. Além dos Vatswa, também estão presentes no distrito, em menor proporção, os Bitonga (a leste do distrito) e os Chopi (no sudeste e centro do distrito) (N.E.).

<sup>3</sup> Após essa primeira acção da Renamo no distrito, o Frei Francisco Morais tornou-se a primeira vítima fatal oficialmente notificada da guerra em Homoíne. Ao deslocar-se da Missão São João de Deus (O. F. M.), próxima à vila-sede do distrito, para a zona das lojas de Pembe (onde também há uma missão franciscana) a fim de verificar o ocorrido, seu veículo explodiu ao acionar uma mina terrestre colocada pelos homens da Renamo na estrada que dá acesso às lojas. A esse respeito, consultar Jonas Mahumane, *op. cit.*, e Marino Porcelli, *Aponentamentos históricos: 1911-2003. Missão Católica de São João de Deus, Homoíne-Moçambique*. Roma: Ingegno Grafico, 2008 (N.E.).

da vila, na via para a Maxixe<sup>4</sup>. No dia seguinte, 7 de Maio de 1982, às 6h00, dirigiram-se à vila, por onde vinha um machimbombo<sup>5</sup> com passageiros, com destino a Lindela<sup>6</sup>. No local designado Chinavane, por ser antigo centro de contratação de pessoal para a açucareira de Chinavane, província de Maputo, que é agora, actual centro da Associação dos Médicos Tradicionais de Moçambique (Ametramo), mandaram parar e descer todos os passageiros, incendiando depois o respectivo transporte. Penetraram na urbe e travaram combate com os 6 milícias, defensores da vila, mas estes fracassaram. Invadiram a zona comercial, em especial o bar dum comerciante indiano, Sr. Harlal, que actualmente faz parte da padaria Suleimane; destruíram as montras e saquearam as lojas; foram apropriando-se dos animais que encontravam – bois, cabritos e burros – que serviam de meio de transporte para o carregamento de bens furtados.

Naquela manhã, eu estava com os meus irmãos debaixo do cajual, propriedade do meu pai, a brincar, quando ouvi os estrondos das armas. Voltei a correr e a chamar alegremente a mamã: “Mamã, é um avião que está a aterrar na vila!”. E ela, num tom apelativo, disse-me:

---

<sup>4</sup> Município localizado às margens da Estrada Nacional 1 (EN 1) – uma das principais vias de escoamento de bens e produtos no país – e que faz fronteira com o distrito de Homoíne a leste deste. A estrada que liga Maxixe a Homoíne é a principal via de acesso ao distrito para quem vem da EN 1 e é por onde escoia a maior parte da sua produção e dos bens que o abastecem. Após o massacre de 1987 na vila-sede de Homoíne, que historicamente se constituiu em um importante entreposto comercial, os grandes armazenistas lá sediados desde o período colonial – que compravam, armazenavam e comercializavam a produção agrícola do distrito – mudaram-se para a Maxixe, assim como o fez uma parcela significativa da população do distrito. Esse fato produziu uma espécie de entropia económica em Homoíne, que era referido como o “celeiro da Província de Inhambane” após a Independência de Moçambique, em função dos investimentos governamentais em projetos agrícolas e da instalação da aldeia comunal de Chinginguire. Hoje em dia a Maxixe é conhecida como a “capital económica” da Província de Inhambane (a sua capital administrativa é a cidade de Inhambane), o que em grande medida é atribuído pelos habitantes de Homoíne como consequência do massacre de 1987 (N.E.)

<sup>5</sup> Termo local que designa autocarro (N.E.).

<sup>6</sup> Lindela é uma localidade do distrito de Jangamo, que faz fronteira com o distrito de Homoíne a sudeste deste. A estrada que liga Lindela a Homoíne é outra via de acesso entre o distrito de Homoíne e a EN 1 (N.E.).

“Meu filho, vem cá para dentro, com os teus irmãos. Esse barrulho não é nenhum avião, é uma luta armada”. Era a primeira vez que eu ouvia o disparar duma arma.

### **Rapto de Formandas no CFPPH**

No dia 9 de Setembro de 1982, quando eram 10h00, numa clandestinidade, os guerrilheiros *matsangas* usaram várias vias para chegar a Maganda, especialmente no Centro de Formação dos Professores Primários de Homóine (CFPPH), onde capturaram 26 meninas formandas que as fizeram de carregadoras de vários produtos alimentares (farinha celeste, milho, ervilha, feijão, sardinha, sabão, roupa, etc.), saqueados no próprio internato. Cada formanda, para além dos diversos produtos, também carregava a sua própria mala de roupa.

As tropas do governo (Forças de Defesa), quando se aperceberam que o inimigo aparecera e raptara as formandas do CFPPH, organizaram-se imediatamente e encetaram uma perseguição. A caravana galgara já uma longa distância. As tropas de defesa, cansadas, tiveram de dormir em Quengue, a uma distância de 23 km para oeste da vila antes de os encontrarem. No dia seguinte, depois de pesquisas no povoado, chegaram às lojas de Fanhafanha a 20 km da vila para oeste. A 3 km de distância destas lojas depararam-se com o inimigo. Aí travou-se um forte combate; já eram 6h00. As tropas da defesa, enquanto combatiam, orientavam as formandas a soltarem-se dos guerrilheiros da Renamo para tomar o rumo da vila. As formandas, por tratar-se de um socorro que não esperavam, mas tanto desejavam, deitaram as suas malas de roupa, e a correr sem descansar, chegaram na vila. As tropas de defesa continuaram a enfrentar os seus inimigos até derrotá-los, e de volta, conseguiram trazer consigo as malas das formandas.

### **Gazankulo e Malimpatudo**

Perto das 5h00 do dia 9 de Novembro de 1982, Manhica registrou a segunda batalha. Dois peritos salientaram-se: “Gazankulo”, das forças armadas da defesa de Moçambique na vila de Homóine, e “Malimpatudo”, da Renamo. Eu tinha 7 anos de idade, o país ainda era República Popular de Moçambique sob a presidência do marechal Samora Moisés Machel “*in memoriam*”, em antagonismo com Afonso Dlakhama, líder sucessor de André Matsangaísse, do movimento Renamo.

A ala da Renamo comandada pelo seu comandante linear “Malimpatudo”, atacou forte e decisivamente a vila durante 4 horas. “Malimpatudo”, vendo sua força cansada e desesperada, ordenou:

– Recuai companheiros, sereis herói enquanto não morrerdes!

Com a ordem, o batalhão provocante que se sentia inseguro e com a vida nas mãos, em debandada meteu-se em fuga pelas ruas de Machavela e Hanhane.

“Malimpatudo”, na confiança da sua magia e da sua arma, ficou a resistir. Subiu numa mafureira ao lado esquerdo da cadeia e direito da rua que parte do Mbonjuene<sup>7</sup> ao campo, para ver melhor os seus alvos dentro das trincheiras do atacado. A distância de separação entre os dois intriguistas aproximava-se aos 15 metros, permitindo o excelente assesto. Desprezava o poderio antagónico. Porém, a sua ideia tinha uma óptima aplicabilidade se estivesse a desafiar indivíduos civis sem armas, não africanos e ignorantes da cultura ou tradição ou, ainda, da magia africana.

Enquanto se perseguiam os agressores em fuga, outros trocavam tiros com “Malimpatudo”. As balas chegavam-lhe fracas e neutras ao seu corpo devido à sua magia.

Depois de tanta resistência do único subsistente, o opositor “Gazankulo”, por sua vez, evidenciou-se magicamente e encarregou-se de confrontar directamente o altivo “Malimpatudo”, e jurou em 3 obuses de bazuca. Mandou recuar toda a artilharia pesada e confiou nas 3 munições com a específica arma que preparara. O bazuqueiro “Kulo” (diminutivo de “Gazankulo”), quando disparou o primeiro tiro contra “Malimpatudo”, proferiu-lhe:

---

<sup>7</sup> Nome dum mercado popular na vila de Homóine. O Mbonjuene surge a partir de uma ou duas pessoas que iam no local vender bebida do fabrico caseiro designada malcuado ou xindanguane, feita por mistura de água ou farinha de milho que, após a cozedura é fermentada usando açúcar como fermento. De um a dois vendedores surgiram mais. Assim, o mercado cresceu informalmente e passou a ter vendedores de diversos produtos, inclusive abate de animais e venda de carne. Na altura de massacre era antes de ser mercado. O local chama-se Mbonjuene devido à presença de uma árvore naquele local, que dá sombra a uma carpintaria pertencente ao Sr. Mário Paindane. A árvore é designada mbonjua e “-ene” ou “-ine” é sufixo locativo. Portanto, o nome Mbonjuene deu-se em referência àquela árvore (mbonjua), que até hoje ainda existe naquele local (N.A.).

– *Hi leyo bala, wuya nayo!* Em cithswa<sup>8</sup>, o que quer dizer “Aí vem a bala, voltem juntos!”

A força das balas era neutralizada pela magia do “Malimpatudo”, que dizia:

– *Wa nyepa inini ndiripo!* Em ndawu<sup>9</sup>, o que significa, “Mentira, eu estou!”.

“Gazankulo”, reconhecendo a fortaleza do “Malimpatudo”, urinou na boca do cano da sua arma e disse ultimamente:

– *Hi leyo ya magamo, loko yinga kuhawule, zina wena mandla ni mandla!* Em citshwa “Toma aí o último, se este não te solte da árvore, estarei contigo mão a mão!”.

Após a terceira e última cruel bazucada, sobre a sombra do renamista (*matsanga*) na qual se encontrava magicamente o seu próprio

<sup>8</sup> Cithswa (ou citswa ou ainda xitswa) é a língua dos Vatswa (N.E.).

<sup>9</sup> Ndawu (ou ndau ou cindau) refere-se à língua dos Vandau, grupo etnolinguístico da região Centro de Moçambique. Essa era a língua utilizada oficialmente pela Renamo, movimento que teve sua origem na região Centro do país e onde manteve seu quartel general durante a guerra civil (na região da Gorongosa, Província de Sofala). Isso explica o emprego do ndau por lideranças e oficiais da Renamo em outras regiões do país, como ocorreu em Homoine. O uso da língua ndau por parte da Renamo no Sul do país cumpria ainda um importante papel simbólico, uma vez que remetia às guerras pré-coloniais do início do século XIX, quando os Vanguni (originários de uma região que hoje pertence à África do Sul), com auxílio dos Vandau, dominaram uma grande parte da região Sul, formando o Estado de Gaza sob a liderança de Ngungunyane (ou Gungunhane) – que foi posteriormente derrotado pelas tropas portuguesas em 1895. Os Vandau eram temidos e reconhecidos como grandes guerreiros, detentores de poderes mágicos e espirituais, e foram fundamentais para a submissão dos grupos etnolinguísticos do Sul naquele período – entre eles os Vatswa e os Changana. Durante a guerra civil (1977-1992), a Frelimo era simbolicamente associada aos Changana, pelo fato de suas lideranças serem de origem changana e a capital do país ter sido mantida no Sul do país após a independência. A respeito das conexões históricas e simbólicas entre essas diferentes guerras, o uso da língua ndau por parte da Renamo e seu rendimento político durante a guerra civil, consultar Alcinda Manuel Honwana, *Espíritos vivos, tradições modernas: possessão de espíritos e reintegração social pós-guerra no Sul de Moçambique*, Maputo: Promédia, 2002; Christian Geffray, *A causa das armas: antropologia da guerra contemporânea em Moçambique*, Porto: Afrontamento, 1991; Michel Cahen, *Os outros: um historiador em Moçambique*, 1994. Basileia: P. Schlettwein Publishing Switzerland, 2004, entre outros (N.E.).

corpo, a árvore soltou-lhe e em queda livre o sôfrego voltou ao chão, morto, mas sem sangrar, jorrando simplesmente um líquido incolor na parte crivada pelo obus.

Eu e a maioria dos curiosos fomos ver o grande guerrilheiro, homem forte com um letreiro no peito escrito “good”; cabelos fiados que o tocavam os ombros, um pano branco, um pedaço de carne assada numa das algibeiras do casaco e mais um pequeno embrulho de pano preto que se aparentava a respirar.

O cadáver foi fotografado e levado ao quartel do comando da Maxixe para testemunhar a vitória e mostrá-lo à população que sempre ficava com curiosidade de conhecer *matsanga*, sem imaginar que era uma pessoa igual.

Nos princípios os renamistas não saqueavam, não maltratavam e nem matavam; viviam pedindo o que quisessem à população e mobilizando-a que ajudasse a carregar os produtos pedidos; a uma certa distância, mandavam regressar para suas casas. Por volta de 1984, quando começaram com maldosos comportamentos, muitos ansiosos foram capturados, maltratados e mortos, pois, entregavam-se pela curiosidade de conhecê-los, por um lado; por outro, queriam beneficiar-se das ofertas, uma vez que levavam consigo vários produtos ofertados, e pelo caminho e casas por onde passavam ofereciam uma e outra coisa à população. A curiosidade e a aderência aumentavam sem saber que o *matsanga* que conheciam já havia adotado uma atitude diferente.

## O Falso Oficial

De todas as ofensivas que ocorreram durante este período antes do massacre, a Renamo teve simplesmente uma vitória no primeiro ataque, no dia 7 de Maio de 1982. Nas restantes, a vitória favorecia às forças de defesa. Mas as mortes, os estragos em torno da população inocente e os reconhecimentos militares da Renamo pelo distrito seguiam aumentando cada vez mais.

Em 1984, no cruzamento das ruas de Chinjinguire<sup>10</sup> e de Mubalo, ao lado do Centro de Formação dos Professores Primários, havia um posto de controlo onde funcionavam 3 militares.

---

<sup>10</sup> Antiga aldeia comunal fundada após a independência de Moçambique, hoje uma localidade do distrito de Homoine. Em Chinginguire estavam alocados

Certo dia, apareceu um homem bem constituído, bem trajado à militar, com um carácter próprio de oficial. No posto ninguém se encontrava; mas, do Centro vinha um dos professores que estava saindo para sua casa; era o professor Augustinho Paulo Matavela. Quando o constituído deu-se com o professor, perguntou-lhe:

– Onde foram os sentinelas?

O Matavela respondeu:

– Um despediu-se que ia beber água, e os restantes dois não tenho informação sobre eles.

Não obstante, o sentinela que despedira que ia beber água estava de volta e Matavela, na sua honestidade disse, indicando-o:

– Vem aí aquele que fora beber água!

Quando chegou, o fantástico chefe perguntou-lhe:

– Onde estavas?

O sentinela respondeu:

– Havia ido beber água, chefe!

O homem, aparentemente ficou ríspido em conformidade com a chefia, e ordenou-lhe o seguinte como melhor sanção:

– Estenda-te ao comprido de barriga para o chão!

O humilhado estendeu-se e o fingido chefe arrancou uma vara que serviu de cacete, bateu-lhe nas nádegas. Enquanto batia dizia:

– Que soldado é este que tem coragem de abandonar o posto?! Como distinguir a presença ou entrada do inimigo se estiver longe do posto?!

No fim da pancada disse:

– Agora vamos ver as trincheiras, pelos sinais estão de qualquer maneira.

Foram ver e sondar bem as trincheiras. Estas encontravam-se na parte posterior das casas onde, antes, alojavam os acompanhantes dos doentes e mães grávidas que se internavam no posto de saúde de Maganda, na Missão São João de Deus – actual Centro de Apoio à Velhice. Depois da circulação pelas trincheiras, deu algumas orientações. Na hora do almoço, prepararam bem a mesa para o fantástico grande chefe e convidaram-no ao almoço fraterno.

Ficaram muito tempo com ele. Por volta das 14h00, após ter efectuado tantas pesquisas e almoço de confraternização, um militar começou a desconfiá-lo e foi chamando um por um discretamente para



estarem em estado alerta, e juntos analisaram: “Que chefe é este sem acompanhante do comando distrital?! A guia de marcha que traz, quem confirma que é oficialmente pura, ou é uma falsa?! Mandemos um companheiro ao comando participar e informar-se melhor do caso!”. Enviaram imediatamente um militar ao comando distrital, tendo este ficado tão surpreendido e revoltoso. “Não recebemos visita e nem tivemos informação que vocês receberiam um oficial, devem tomar cuidado e atenção, esse homem só pode ser um inimigo em reconhecimento que vocês o deixaram entrar na nossa posição!”. E, de facto, era um militar da Renamo em reconhecimento.

Enviaram uma brigada do comando para viver a situação de perto. Só que, a uma dada altura, o suspeito ficou a abandonar a posição, desapareceu e foi-se embora, de volta para a sua proveniência; por um lado, cumprira a missão que ia executar; por outro, acompanhara a estranha movimentação contra si. A brigada do distrito ficou a chegar; procurou-o em todos cantos. A uma distância de perseguição foi simplesmente achar o local onde escondera o seu burro que usou como transporte de ida e volta. Voltou de vistas viradas contra o Matavela: “Agora diga, por que deixou o inimigo penetrar?!”. O Matavela respondeu: “Primeiro, eu não sabia se era inimigo ou não; segundo, eu sou um simples civil sem arma. Vejamos que mesmo os nossos militares que tiveram a própria preparação para casos de género, renderam homenagem, e um dos sentinelas, armado que estava, ainda perguntaram-lhe zombando, se a arma que portava disparava ou não; e, foi fortemente caceteado! E eu?! Que teria feito a um militar aparentemente oficial da nossa força de defesa?!”.

Não havia mais nada a fazer em torno de tudo que acontecera, a não ser estar sempre precavido. A verdade é que o homem entrou, caceteou, exaltou-se, reconheceu, almoçou, percorreu ao burro relaxado, montou e foi-se.

No âmbito dos reconhecimentos, tal como acima se referiu, também sobressai o nome de Sabão Wombelwane, uma figura bastante controversa nos confrontos entre a Renamo e a Frelimo. Num momento colocava-se do lado da Renamo e no outro do governo. Este foi o principal espião e guia para o massacre; mas, veio a ser morto um tempo depois deste massacre.

## **Wombelwane: uma figura controversa no conflito**

Era um homem claro, alto e forte, natural de Vilankulo<sup>11</sup>. Este foi soldado e comandante da Renamo. Num dado momento, foi desconfiado e acusado como espião e colaborador das Forças de Defesa de Moçambique o que culminou com a decisão de mandá-lo fuzilar.

Para tal organizou-se um grupo bem munido que levou Wombelwane<sup>12</sup> para o próprio local de fuzilamento. Chegado lá, executaram a operação, o grupo voltou bem satisfeito juntos dos seus superiores, e deram o relatório da consumação referente à ordem da execução do grande traidor.

Só que Wombelwane era um grande mágico, e pela magia anulou todos os tiros recaídos sobre si. O fuzilamento foi aparente. Mas para os fuziladores fora verdadeiro.

Wombelwane, fingindo-se de morto quando o grupo de fuziladores foi-se embora, ficou a levantar-se bem sadio, saindo da zona de influência das bases da Renamo e rumando para Vila de Homoíne, onde foi apresentar-se nas Forças de Defesa de Moçambique. Para ele ser bem recebido, na apresentação mentiu dizendo que vinha transferido de Massinga<sup>13</sup> para aí reforçar. E através do poderio da sua magia, facilmente foi recebido sem guia de marcha, nem desconfiança. E com ele foram pelejando contra Renamo.

Depois de um ano, houve a necessidade de se seleccionar um grupo de militares de Homoíne para reforçar a Força de Defesa de Moçambique do Distrito de Jangamo para uma manobra a concretizar-se no mesmo Distrito. Nessa selecção Wombelwane também foi contemplado.

O grupo de Homoíne, quando chegou em Jangamo, logo que se encontrou com as forças de Jangamo, uma vez que lá também existiam alguns militares fugitivos da Renamo que bem conheceram Wombelwane lá nas bases, espantaram-se ao vê-lo e alertaram ao comandante que comandava o grupo vindo de Homoíne dizendo: “cuidado

---

<sup>11</sup> Distrito da Província de Inhambane, localizado no litoral, a norte em relação ao distrito de Homoíne, sem fazer fronteira com este (N.E.).

<sup>12</sup> A respeito de Sabão Wombelwane, ou Hombelwane Sabão, consultar também Jonas Mahumane, *op. cit.* (N.E.).

<sup>13</sup> Distrito da Província de Inhambane que também fica a norte em relação a Homoíne e não faz fronteira com este. Faz fronteira com o Sul do distrito de Vilankulo.

com este homem, este homem é ‘*matsanga*’, fugiu da Renamo, aliás, o que se sabe na Renamo, é que Wombelwane está morto, porque de verdade, foi levado ao fuzilamento; e, a nós também admira-nos o facto de estar vivo e cá connosco”.

O comandante replicou: “ele está cá connosco, faz um ano, trabalha bem e nada de mal vimos nele”.

E aqueles militares limitados, disseram: “apesar de estarem com ele há um ano, é bom estarem de olho nele”.

Sabão Wombelwane, com a ajuda da sua magia, conquistou confiança nas fileiras das forças governamentais (Forças de Defesa de Moçambique), que até chegou a ser comandante entre os anos de 1984 a 1985 em Nhampupu, um povoado pertencente à Localidade de Chizapela, Distrito de Homoíne.

Numa manobra em Vavate, povoado localizado no Posto Administrativo de Pembe, Wombelwane foi atingido na testa e no joelho por balas, mas na testa a bala caiu sem causar nenhum ferimento. Ele só recolheu a bala e mostrou aos seus companheiros dizendo: “estes homens estão a brincar comigo, pensam que me vão conseguir, eu sou *King-Kong*<sup>14</sup> Sabão Wombelwane, ninguém me vai conseguir matar”! E a bala que o atingira no joelho causara um pequeno ferimento que até chegou de deixar cair algumas gotas de sangue. Nesse local onde o seu sangue gotejou, era um posto de rádio de comunicação militar. Wombelwane disse ao radialista desse posto: “veja estas minhas gotas de sangue, fica a saber que este teu posto está abençoado, ninguém o vai derrubar, pois o meu sangue não é de sair e nem de gotejar de qualquer maneira”.

Outra vez, numa coluna que caminhava em manobra para atacar a base provincial que se instalara em Nhamungue<sup>15</sup>, Wombelwane estava por frente da coluna. Chegado num certo local, sentiu que havia pisado uma mina e, para salvar os seus companheiros, não levantou a perna que pisara o engenho. Orientou que toda a coluna passasse enquanto ele fixava-se no engenho.

---

<sup>14</sup> King-Kong é uma alcunha que Wombelwane atribuíra-se na guerra, ao considerar-se indestrutível como o gorila gigante conhecido na literatura e no cinema como poderoso das florestas (N.A.).

<sup>15</sup> Povoado localizado no Posto Administrativo de Pembe (N.E.).

Quando viu que todos passaram para uma distância que até os estilhaços não iriam atingi-los, levantou o pé e a mina explodiu sobre ele, mas saiu ileso.

Contudo, Sabão Wombelwane foi um homem que teve muitos episódios fantásticos, ou seja, mágicos. E, sempre, ele alegou ser um ente poderoso, certo e justo, por isso desobedecia aos seus superiores. Isto causou desavenças entre ele e o comandante distrital. Essas desavenças culminaram com o descontentamento de Wombelwane e levaram-no a abandonar as fileiras das Forças Armadas da Defesa de Moçambique para as da Renamo.

Na Renamo, como mágico e conhecedor dos segredos e do campo da influência governamental, passou a ser o principal homem de reconhecimento. Para vingar-se melhor das Forças da Defesa de Moçambique, Wombelwane fez trabalho de reconhecimento bem pormenorizado para o ataque e massacre do dia 18 de Julho de 1987 no Distrito de Homoíne. Não só, como também conduziu os renamistas e consigo massacraram as populações locais e outras.

Para Titosse, um dos depoentes do caso Wombelwane, o que causou muitas mortes durante o massacre foi o cruzamento das balas que vinham de todos os lados da vila, atingindo quase tudo e todos nos seus abrigos, a fugir, a chorar, a salvar os outros, etc. e, só salvava-se quem estivesse com sorte.

No momento do silêncio das armas, os renamistas punham a funcionar os motores das motas e dos carros deixados ou abandonados pelos donos, devido a morte, rapto, fuga ou medo, fazendo-os funcionar ou circular pela vila. Daí muitas pessoas que estivessem em fuga e nos esconderijos, quando ouvisses os motores das viaturas, alegavam que os agressores tivessem deixado a vila de regresso para as suas bases e que fossem os donos das viaturas que estivessem a pô-las em funcionamento. Nesta suposição, a população punha-se de volta para as suas casas. Os renamistas, nos seus flancos, quando vissem essas pessoas de regresso, abriam fogo contra elas, alegando que fossem as forças governamentais que vinham em contra-ataque, ou mesmo, por simples vontade de matar para alimentar o seu sadismo, aumentando assim, cada vez mais as mortes.

É importante realçar que eles haviam ladeado toda a Vila. Depois de tomar a vila tinham criado um seu comando no internato da actual Escola Secundária 25 de Setembro de Homoíne.

Antes do próprio dia do massacre, durante as noites de 14 a 17 de Julho, os renamistas de forma clandestina transportaram o material

bélico para o local onde serviu de principal acampamento (casa do Chizin'wane). O material era enterrado sem se deixar rastros, por isso ninguém o achou.

Segundo João Nicolau, que fora vizinho de Wombelwane, ele era um homem de grande destaque, evidenciado por sua magia. Fora comandante do quartel de Nhampupu e as suas acções militares trouxeram sucessos no lado do governo, mas derrotas e fúria para o lado da Renamo. Por isso, a Renamo sempre tentara raptá-lo, porém, nunca o conseguiu.

Durante tempo de pesquisa que a Renamo ia realizando para a obtenção de mecanismos de busca ou morte do grande e fantástico Wombelwane, conseguiu-se saber que ele tinha uma amante naquele povoado de Nhampupu com a qual passava algumas noites. Assim, com todo o cuidado, procuraram e conseguiram formas de chegar à sua amante e espionar. Sabão Wombelwane tinha um condão que andava sempre consigo nas suas mãos. É desse condão que se fazia forte (à prova de bala, esperto, vingativo e vitorioso). Mas, o condão só se podia ver por qualquer indivíduo se estivesse nas mãos do próprio Wombelwane.

A amante, traindo-o, foi capaz de explicar ao inimigo as horas e o local onde deixava o condão quando fosse dormir consigo. Pois, deixava ao lado da entrada da palhota da amante.

Eles, sabendo que Wombelwane sem o condão tornava-se incapaz, isto é, não poderia fazer nada, foram à casa da amante numa noite que ele lá estava. E, conforme a explicação da amante, foram ao local indicado procurar o condão. Era um grupo de pelo menos sete elementos bem equipados, mas não conseguiram localizar o condão. Furiosos, decidiram arrombar a porta, encontraram Wombelwane a dormir, e despertando-o com um tom ameaçador, um deles disse: "*Wombelwa, nyamutlha hi kukumile*"! Em citshwua significa: "Wombelwane, hoje já te encontramos!". Este não se sentiu ameaçado. Sem medo, com calma, despertou, levantou-se, vestiu-se, saiu fora, e com um tom normal disse: "*a Ku nzi wona a hi ku nzikuma*"! Isto significa: "ver-me não é encontrar-me"! Inclinou-se e apanhou o condão que ninguém havia conseguindo apanhar. Quando viram o condão nas suas mãos, todos em debandada fugiram, pois, já era o sinal de morte para todos. Mais uma vez, os renamistas fracassaram com este homem fantástico.

Por altivez do poderio com o qual se identificava, este homem era desobediente às normas militares, às regras de aquartelamento, às ordens dos seus superiores e aos simples conselhos. Ele e os seus soldados podiam abandonar o quartel deixando-o com a minoria ou sem comando.

Certo dia, saíram do quartel para uma noite dançante naquele povoado de Nhampupu. Neste tipo de situação, o ambiente é de convívio, e não falta comida, bebida e confusão. Por isso mesmo, aquela corporação militar meteu-se em conflitos com a população, que até chegou a ponto de se disparar alvejando algumas senhoras que foram parar no hospital da vila. O comandante distrital, quando se apercebeu do caso, fez uma intimação de solicitação ao comandante Wombelwane para explicar o sucedido. Apurada a veracidade dos factos, Wombelwane foi preso. Só que, por sua magia, conseguiu sair da prisão. Pois este homem, mesmo com as portas fechadas, era capaz de abri-las e, com os braços amarrados, podia libertar-se. Feito isso, fugiu para a Renamo.

Chegado na Renamo, o homem apresentou-se como um militar que se opunha ao governo e que tencionava ficar e apoiar a Renamo na luta contra o governo de Moçambique e as políticas da Frelimo. Mas foi recebido com desconfiança. Uma semana depois, a força governamental, confiante que o fugitivo Wombelwane já poderia estar nas mãos e a favor da Renamo, deixou uma carta perto da base onde Wombelwane estava, no caminho de maior circulação dos renamistas. A carta continha o seguinte conteúdo: “Camarada Wombelwane, o que se está a passar contigo que nunca mais voltas? Nós mandamos a ti para o reconhecimento nas bases da Renamo por confiança. Será que estás a reconhecer ou a ficar de vez”? A carta era simplesmente para colocar Wombelwane em perigo perante a Renamo.

O comandante da base ficou de facto revoltoso e ordenou que se levasse o homem para o cativo. Depois de uma semana, foi levado ao fuzilamento. Chegado lá, os fuziladores atiraram contra ele, mas o homem era à prova de bala. As balas saíam da própria arma por inteiro e não conseguiam alvejá-lo. Ele simplesmente recolheu as balas e devolveu-as aos devidos fuziladores dizendo: “Não vale a pena gastarem as vossas munições, eu já vos disse que não sou de reconhecimento, vim para ficar. A carta que vocês apanharam, se fosse para mim, teria sido eu a recebê-la ou a apanhá-la pessoalmente. Isso foi simples provocação para fazer com que vocês se revoltem contra mim e é o que está a acontecer. Se vocês quiserem tirar provas, atribuam-me só um grupo de cinco soldados e vão comigo, verão que resultados trarei”.

O argumento do Wombelwane tornou-se lógico para o comandante. De facto, foi-lhe atribuído um grupo de cinco soldados que rumou consigo ao quartel de Nhampupu, local onde fora comandante governamental antes da sua fuga. Este grupo, estando sob orientação do Wombelwane que até conhecia bem o local alvo, ficou confiante que

iria atacar com sucesso e trazer consigo para a base muito material bélico e tantos outros bens por assaltar no quartel e na aldeia. Assim constituiria vingança contra o governo e ganharia a confiança para com a Renamo. Porém, a força governamental, com o abandono do Wombelwane já previa a sua reviravolta. Essa força mudou a estrutura anterior do quartel e potenciou-o mais em material bélico, corporação e estratégias. Por isso Wombelwane e o seu grupo não tiveram sucessos. Mas porque ele era mágico, conseguiu pelo menos saquear à população algumas cabeças de gado bovino e mais, para garantir a confiança na Renamo.

João Nicolau, também afirma que Sabão Wombelwane foi o principal homem do reconhecimento para a chacina do dia 18 de Julho.

De acordo com as declarações do Francisco Alberto Savanguane, em conversa, Sabão Wombelwane passou a ser um homem mais procurado. Quer para as forças de defesa, quer para a população, esse indivíduo foi uma personagem maliciosa. Por isso, ninguém o queria, por ter sido o grande promotor do massacre e por ter dirigido muitos ataques, muitos saqueamentos, muitos reconhecimentos para matanças contra a população.

Em 1988, Wombelwane foi surpreendido por um membro da comunidade a consultar os seus *tinhlolo*<sup>16</sup> na zona de Chinginguire. O espião estava em cumprimento de mais uma missão de reconhecimento que terminaria no Distrito de Jangamo. Em Homóine já havia reconhecido todas as periferias da vila, só faltava a própria vila. Aquele civil, ao ver um indivíduo, que para si era estranho, a executar uma acção que mereceria um lugar especial diferente daquele, ficou espantado. E, desconfiado, foi participar o caso aos antigos combatentes de Chinginguire, local militar mais próximo. Os antigos combatentes, logo que chegaram, viram que tratava-se do Wombelwane, seu inimigo mais procurado. Recolheram-no para a vila de Homóine. Tantas pessoas em caravana iam por trás, gritando vitória pela captura deste homem mágico e mau. Pelo caminho, arrancaram-lhe as orelhas.

Quer a população, quer as forças de defesa, não queriam ver mais Wombelwane vivo, pois causara muitos transtornos, principalmente aos homoinenses. Por isso, este homem foi encaminhado para uma

---

<sup>16</sup> Oráculo que consiste num conjunto de conchas, ossículos e outros objetos, sendo utilizado por médicos tradicionais para adivinhações. Também conhecido como kuxa-kuxa (N.E.).

zona chamada Zwirombanine onde foi obrigado a abrir a sua própria sepultura na qual foi morto e enterrado.

Para matar Wombelwane não foi fácil. O soldado que pegou na arma e disparou contra este, as balas retornaram-se contra si mesmo, isto é, contra o próprio atirador, crivando o seu braço, mas deixando o inimigo alvo ileso. Para derrotá-lo, optou-se por armas brancas. Mas, logo que Wombewane morreu, o fuzilador tornou-se psicopata. Assim, o psicopata, na sua loucura, pegou na sua arma e deu rajadas de tiros; mas, com sorte, ninguém foi atingido. E conseguiram pegá-lo, arrancando-lhe a arma. Nessa loucura intitulava-se de Wombelwane, por onde andava dizia: “*hi mina Wombelwane muta nzi tiva*”, que significa “sou Wombelwane, reconhecer-me-ão!”. Passado um tempo, o fuzilador também morreu.



Imagem 1: À esquerda está o Sr. João Nicolau e à direita o Sr. João Titosse, em foto de 2017, que deram depoimentos sobre Wombelwane e seu papel no massacre de Homoíne.

(Foto: Acervo de Hassane Armando)